

# ESPORTES

LA-2028 No Dia Mundial do Livro, Robert Scheidt aponta o hábito da leitura como diferencial na formação de atletas

## Entre páginas e conquististas

DANILO QUEIROZ  
Enviado especial

**Campinas (SP)** — A construção de um atleta envolve uma série de fatores. Sob os olhos de quem acompanha o esporte, treinos, suor e competições aparecem como elementos mais visíveis. No entanto, em meio à rotina intensa, há um hábito silencioso capaz de contribuir na formação de campeões no esporte e na vida: a leitura. Cinco vezes medalhista olímpico, o velejador Robert Scheidt é um árduo defensor desse caminho. O paulista de 53 anos navega com destreza no tema na palestra “Se perder o leme, nunca perder o rumo”, atração de ontem no CBC & Clubes Expo. A participação da lenda das águas brasileiras no evento, inclusive, não poderia ter ocorrido em uma data mais emblemática: o Dia Mundial do Livro.

A data, instituída pela Unesco para incentivar a leitura, homenagear autores e proteger a propriedade intelectual, carrega simbolismo global ao valorizar o poder transformador da leitura em diferentes áreas da sociedade. No esporte, o impacto aparece de forma menos visível, porém decisiva. Para Scheidt, a construção de um atleta completo passa pela capacidade de absorver conhecimento além do ambiente de treino, ampliando repertório e fortalecendo a tomada de decisão em cenários de alta pressão. O velejador usa o tema como um dos ganchos para inspirar e compartilhar vivências da vitoriosa carreira.

A relação com os livros acompanha o velejador desde cedo, muito antes do reconhecimento nacional alcançado pelas medalhas olímpicas em Atlanta-1996, Sidney-2000, Atenas-2004, Pequim-2008 e Londres-2012. Entre viagens, competições e períodos de treino, o hábito se manteve como parte da rotina. “Acredito que, quanto mais conhecimento você tiver de vários aspectos, mais completo você vai ser na sua profissão”, explicou ao **Correio**. A leitura, nesse contexto, funciona como uma extensão do treinamento, atuando diretamente no desenvolvimento mental e estratégico do atleta, aspectos cada vez mais determinantes no alto rendimento.

Mesmo com a exigência natural dos ciclos olímpicos exigentes e dos Mundiais — nos quais Scheidt ostenta 17 condecorações, 13 delas

PETER PARKS



Os números de Robert Scheidt como atleta: 185 títulos, 91 internacionais e 94 nacionais, além de sete participações olímpicas, com cinco medalhas

### Na cabeceira de Scheidt...

#### O poder do agora

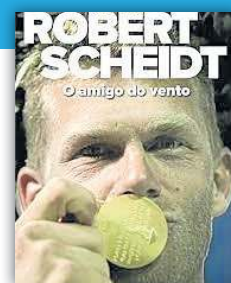
A obra aborda a importância de viver o momento presente, com foco em consciência e controle emocional, aspectos fundamentais para atletas em situações de pressão.

#### Winning ugly

O livro apresenta estratégias práticas para vencer mesmo sem desempenho ideal, explorando leitura de jogo, adaptação e inteligência competitiva.

#### O amigo do vento

A obra revisita a trajetória de Robert Scheidt na vela e explora bastidores das competições, momentos decisivos da carreira e a construção de uma mentalidade vencedora.



de ouro —, o contato com os livros nunca deixou de fazer parte da rotina do velejador. “Eu sempre tive um livro de cabeceira. Sempre estava lendo sobre alguma aventura, alguma biografia esportiva. Lia sobre economia, negócios, administração de empresas. Sempre tentei levantar conhecimento”, contou, evidenciando uma busca constante por evolução intelectual.

Mesmo durante o auge da trajetória enquanto esportista profissional, a leitura assumiu papel complementar ao treinamento físico. “Quando entrei na carreira olímpica, meu trabalho era a vela. Treinar, competir. Mas eu queria continuar treinando a minha mente, estimular novas ideias e conceitos”,

explicou. A prática contribuiu para a construção de uma trajetória marcada não apenas por resultados expressivos, mas também por consistência e inteligência competitiva e se estendeu para a versão palestrante de Scheidt.

O cenário atual, no entanto, acende um alerta. Em um mundo dominado pela velocidade da informação, o hábito da leitura enfrenta concorrência direta com conteúdos rápidos e fragmentados. Robert defende o resgate da prática como fator de influência na formação da futura geração olímpica do Brasil. “Hoje, eu me preocupo que as novas gerações não têm mais esse hábito. Querem a informação rápida no telefone. A leitura

é um hábito que temos que reviver e reinventar. Tem muito conhecimento ali. É algo que pode enriquecer a nossa jornada”, pontuou.

A relação do velejador olímpico com os livros também ganhou forma concreta em 2024, com o lançamento da biografia de Robert Scheidt, *O Amigo do Vento*. A obra revisita momentos marcantes da carreira e traduz em palavras a conexão entre disciplina, estratégia e sensibilidade no esporte. Durante a palestra no evento em Campinas, o velejador também compartilhou obras importantes na trajetória pessoal e ajudaram a moldar a mentalidade competitiva: *O poder do agora*, de Eckhart Tolle, e *Winning ugly*, de Brad Gilbert, Steve Jamison e John Wooden.

No Dia Mundial do Livro, a mensagem deixada por Robert Scheidt no CBC & Clubes Expo ultrapassa o universo da vela e ecoa para todo o esporte brasileiro. Formar atletas não passa apenas por estrutura, investimento e treinamento físico, mas também pela capacidade de desenvolver mentes preparadas para lidar com desafios, frustrações e oportunidades. Entre o barulho consagrador do esporte e o silêncio enriquecedor das páginas, muitas vezes é ali, longe dos holofotes, o início da construção de um verdadeiro campeão.

\* O repórter viajou a convite do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC)

## PARALÍMPICOS

### Conheça o Projeto Nauru, transformador de vidas

LUCAS ALARCÃO\*

No Centro Olímpico da Universidade de Brasília (UnB), a borda da piscina marca o limite entre o peso do cotidiano e a leveza da superação. É ali que o Projeto Nauru acolhe desde atletas com deficiência física até pessoas com síndrome de Down, transformando cada braçada em uma prova de que a água, além de elemento, é um espaço de conquista e autonomia absoluta no centro da capital. Dentro da piscina, a natação deixa de ser apenas esporte para se tornar o palco da superação.

O projeto Nauru começou em São Paulo, idealizado pela medalhista de prata e bronze nos Jogos Paralímpicos de Verão de 2016 no Rio de Janeiro, Verônica Hipólito, e pelo professor e técnico da Seleção Brasileira de natação, Antônio Luiz. A iniciativa se iniciou no atletismo e depois migrou para a natação. A ideia do Nauru é, no futuro, ter polos no Brasil inteiro e poder ajudar todos os atletas. Além de fomentar o esporte paralímpico nas capitais e nas cidades, e de trazer oportunidades para as pessoas com deficiência em esportes variados.

Em Brasília, o responsável por administrar e treinar a equipe é Marcus Lima, de 50 anos. Formado em educação física, ele atuava com

outro projeto para acolher a comunidade e pessoas com deficiência desde 2018 na UnB. Em 2023, após um convite de Antonio Luiz, o Nauru desembarcou na capital e se uniu à ação social do brasileiro.

“O convite para entrar no projeto veio por meio do professor Antônio Luiz, um pedido para que a nossa equipe fizesse parte da Nauru. Eu aceitei de antemão, pois é uma ideia muito boa. E se a gente podia contribuir, eu tinha que aceitar. A ideia do Nauru é ir para outros estados, pois os atletas que estão em São Paulo podem vir para cá fazer uma semana de treino, um intercâmbio. Às vezes, a gente está aqui, a gente pode ir lá para São Paulo, pode ir lá para o Sul, pode ir lá para o Nordeste. Então, isso é legal, temos também uma interação com os outros técnicos”, afirmou Marcus.

O trabalho conta com o apoio de voluntários, como uma professora de educação física e uma nutricionista (mãe de uma das atletas) e o fisioterapeuta e ex-nadador Paulo Porto. A UnB cede o espaço, mas os materiais e melhorias na infraestrutura são custeados pelo próprio projeto com investimento de rifas e campanhas. Eles foram responsáveis por comprar raiais, bandeirinhas, cordas e instalar os blocos de partida. Além disso, em 2019, o grupo

Lucas Alarcão/CB.DA Press



Projeto Nauru fomenta o esporte e lapida talentos paralímpicos na UnB

reabriu a piscina do Centro Olímpico, que estava fechada e vazia, e adquiriu bombas de aquecimento por meio de arrecadações.

“O que me move sempre, até agora, sempre foi o amor pelo esporte de poder fazer a diferença na vida desses atletas. Eu me vejo como instrumento que pode propiciar sonhos para eles. Então, é um instrumento que eu vou ajudar no sonho deles. Não é o meu sonho. Eu podia estar fazendo outras coisas, mais rentáveis. Mas, para mim, o que importa é fazer a diferença na vida deles e ver que eu estou fazendo a minha parte. Quando estou aqui, meus problemas somem. Eu tenho alguns alunos aqui que foram rejeitados em academias, foram negados em clubes e, às vezes, deixados de lados em outros locais e estão aqui dando resultado”, disse o treinador Marcus.

Apesar da realização pessoal,

o treinador relata a dificuldade de conseguir patrocínios em Brasília, mesmo sem um aporte financeiro estrutural para recursos humanos e materiais, o projeto obteve resultados expressivos.

“Eu vejo com muita importância termos mais políticas públicas dentro do esporte, principalmente para a gente quebrar esse paradigma. Porque o atleta aqui não é 100% valorizado. No futebol, o campeão brasileiro gera milhões, as pessoas valorizam isso. Porque quando a pessoa chega e fala que é campeã brasileira no esporte dela, na natação, isso não é valorizado. Eu sempre toco nessa tecla de quebrar esse paradigma. Temos campeões brasileiros na nossa piscina, treinando na Universidade de Brasília. Então assim, isso tem que ser valorizado. Temos a melhor atleta Down do país (Priscila Pontual), a recordista, a melhor atleta desse Brasilão

está nadando aqui, na nossa frente. Então assim, vai ser valorizado só quando ela for campeã mundial?”, indagou o treinador.

Entre os atletas do Nauru está Larissa Nakabayashi, de 28 anos. A atleta deficiente visual começou a nadar depois dos 20 anos de idade e se apaixonou. Campeã brasileira no 50 e 100m livre e bronze nos 400m livre, a atleta se colocou entre as cegas mais rápidas do Brasil. Contudo, a atleta faz um apelo à falta de visibilidade ao esporte paralímpico.

“A gente como deficiente tem uma dificuldade maior porque nós não temos uma visibilidade tão grande. Para conseguir patrocínios, é muito difícil. Eu tenho apoiadores que eu agradeço imensamente porque a gente sabe que, realmente, se está com a gente, é porque acredita mesmo”, desabafou a nadadora.

Para atingir grandes resultados, a equipe Nauru treina de segunda a sexta, todas as tardes e ao sábado pela manhã. O projeto recebe grande apoio da Universidade de Brasília, que além de ceder o espaço para o treino, disponibiliza os horários para o treino.

O grande objetivo dos próximos anos é descentralizar o projeto, levando-o para todas as regiões administrativas de Brasília. A ideia é criar polos para evitar as filas de espera nos centros atuais e oferecer uma gama maior de esportes, como judô, atletismo, escalada, bocha e até mesmo tiro com arco.

\*Estagiário sob a supervisão de Marcos Paulo Lima

## Capital do esporte



### Vôlei de praia

Segue, até domingo, o Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia no Estacionamento 12 do Parque da Cidade. Os ingressos são gratuitos com resgate pelo site Sympla. A competição reúne as principais duplas do país, como as campeãs olímpicas Duda e Ana Patrícia. Depois do torneio nacional, entrará em cartaz a elite mundial.

### Ginástica

Está confirmada a 41ª edição da Copa Brasília de Ginástica, uma das grandes vitrines para atletas dos 3 aos 16 anos. As disputas artística, rítmica, acrobática, aeróbica e parkour serão em 23 e 24 de maio.

### Kickboxing

O Ginásio do Cruzeiro recebe, amanhã, a partir de 18h30, WGP 85, com disputa do cinturão mundial interino da Wako Pro entre o brasileiro Cabelo Monteiro e o português Diogo Silva.



### Futebol de areia

O Ceilândia jogará a Libertadores de Futebol de Praia, de 3 a 10 de maio, em Vila Velha (ES). O Gato Preto enfrentará Sportivo Luqueño-PAR, Guaviare BS-COL e Academia Tito Drago-PER



### Saltos ornamentais

No primeiro dia do Campeonato Brasileiro da modalidade, no Centro Olímpico e Paralímpico do Gama, Karolina Polizos (ao centro), 15 anos, somou 375 pontos na plataforma 1m e faturou o ouro.



### Beach tennis

Brasília será palco da Copa do Mundo de Beach Tennis, de 7 a 13 de dezembro. Será a sexta vez seguida do país como sede da competição disputada desde 2012, reflexo dos cinco títulos da Seleção.

Murilo Moura

Daniel Araújo/Correio

Saio Sofá/Santos Brasil

Daniel Araújo/Sand Series Brasília